

# Diferencial



*Jornalismo independente dos estudantes do Técnico desde 1991*

**Quinzenal (sai às quintas)**

**13 de Março de 2008**

## **Instituto de Plasma e Fusão Nuclear (IPFN)**

*Um grupo de investigadores do IPFN está a coordenar parte do projecto ELI (Extreme Light Infrastructure) que operará o laser mais potente do mundo. O projecto foi lançado recentemente em Paris e espera-se a sua conclusão em 2012.*



## **XV Semana Informática**

*Terminou hoje a 15ª edição da Semana Informática. Esta pretende divulgar e debater as tecnologias de informação e a informática em geral.*

*Destacaram-se os oradores convidados, de gabarito mundial — incluindo o famoso criador do sistema operativo Minix, Andrew Tannenbaum (entrevistado na próxima edição).*



## **Fecho do Hexágono**

*O mítico restaurante das vizinhanças do Técnico fechou as suas portas devido ao incumprimento das normas sanitárias da UE. Um empregado revelou que o pé direito da casa de banho não é suficientemente alto. Para evitar obras dispendiosas, o processo virou justiça — o tribunal terá de confirmar a infracção.*



## **Exposição de Arte e Ambiente**

*Ao longo do mês de Março, decorre no Instituto Superior Técnico o primeiro festival de Arte e Ambiente. O evento é da responsabilidade da Prof. Maria do Rosário Partidário, da área de ambiente e recursos hídricos, e do Prof. Luís Ribeiro, do laboratório de geologia aplicada.*

## **Seminários@Tagus**

*Vários investigadores oferecem uma perspectiva do seu trabalho no ciclo de seminários no campus do TagusPark. A marcar na agenda: quarta sim, quarta não, sempre às quatro da tarde.*

*Para um programa detalhado e mais informações, consultar o sítio do IST.*



## **A Galheta**

*A direcção do Diferencial felicita o novo pasquim anónimo do IST, distribuído pelos espaços da Escola na passada terça-feira: parabéns pela tentativa de olear os espíritos técnicos com cantigas de escárnio maldizer.*



## As legendas que vêm do Técnico

*No passado dia 6 de Março a RTP lançou um sistema de legendagem automática dos seus telejornais, único no Mundo. Desenvolvido cá na Escola.*

A RTP, numa parceria com o Laboratório de Língua Falada (L2F) do INESC-ID, começou esta semana a utilizar um sistema de legendagem automática nos seus telejornais da RTP1.

O serviço destina-se principalmente aos deficientes auditivos, e está disponível na página 885 do teletexto, durante as emissões dos telejornais da hora de almoço e de jantar. É um projecto pioneiro a nível mundial, por ser o único completamente automático, mas

ainda se encontra em fase experimental.

A colaboração entre o L2F e a televisão pública nacional começou há uns anos atrás com um projecto europeu para indexar os arquivos da RTP. A quantidade de material era tanta que se tornava impossível tratar manualmente aquele conjunto de dados. Este problema só poderia ser resolvido com o recurso a um sistema automático de reconhecimento de fala.

(continua na pág. 5)



## EDITORIAL

*Sucessivamente se tem anunciado o fim do papel. De facto, cada novo meio de comunicação parece trazer sempre um prenúncio deste inevitável destino. Quando Edison inventou o fonógrafo, falou-se do fim do papel dentro das próprias empresas. Quando a TSF foi fundada, gritou-se o fim da imprensa escrita. E quando a televisão surgiu berrou-se o fim da rádio.*

*É a fúria dos gadgets que tudo conseguem fazer à distância de um clique, permitindo aos compradores mais entusiastas viver uma lua-de-mel de espanto, ligados à Internet via telemóvel no banho, praticando salto em queda livre ou sobrevoando a selva do Amazonas. Extinta a paixão, inevitavelmente regressam ao fiel computador, bloco de notas ou caneta esferográfica.*

*Pode-se constatar que vários veículos de comunicação podem coexistir, permitindo assim uma maior partilha de informação. Curioso é que nos países mais desenvolvidos, onde o uso do computador está fortemente enraizado, há uma maior proporção de leitores de jornais impressos. Destaque-se um estudo da Programme for International Student Assessment que, entre outras razões, atribui o crescimento e sucesso da Finlândia à leitura diária de jornais pelos jovens.*

*Para terminar, temos um novo sítio na Internet, onde estão disponíveis estas e outras notícias. É possível deixar a opinião, o comentário — ou o silêncio. Contudo, continuaremos a dar-nos ao trabalho de pagnar, imprimir, dobrar e entregar o jornal em papel. Na maior escola técnica do país também é necessário criar hábitos de leitura. Porque os números não bastam.*

## FICHA TÉCNICA

João Ferrão, Joana Gonçalves, Sebastião Thomaz – Direcção  
Jorge Páramos – Editor  
Ana Cravo, Bernardo Sousa – Redacção  
Nuno Pires, Luís Figueira – Apoio

Jornal Diferencial  
Associação dos Estudantes do IST  
Av. Rovisco Pais  
1049-001 Lisboa

diferencial.ist.utl.pt  
jornal@diferencial.ist.utl.pt

Tiragem: 2000 exemplares.  
O Diferencial é uma publicação da AEIST

2

## Cartas dos leitores

Caros colegas

*Parabéns pela ressuscitação. Olhando ao vosso passado recente e esperando que não me levem a mal, gostava de saber quão sérios são na vossa proposta de um jornal quinzenal (isto é, de quinze em quinze dias e não no sentido oblíquos de "sai às quintas"). Pergunto para saber se a rádio afectará recursos para contribuir para o vosso glorioso esforço.*

(...)

Cumprimentos algumas portas mais abaixo,

Ricardo Reis (Rádio Zero)

Caro colega,

A direcção do Diferencial agradece as felicitações. Para desmistificar qualquer mal-entendido, pode-se reparar que este jornal saiu duas semanas depois do seu anterior. E admitimos o erro e a cedência aos vulgarismos da linguagem: o jornal pretende-se quatorzenal. Esperamos que isto responda à tua pergunta.

No que toca a uma co-colaboração, esta é desejada e bem-vinda, seja da rádio ou de qualquer outra secção autónoma, bem como de alunos e outros heterónimos do Fernando Pessoa (excepto o Bernardo Soares, que é deprimente). Atente-se, no entanto, que qualquer contribuição deverá cumprir os critérios editoriais do Diferencial, já muitas vezes discutidos no editorial; entre outros, deve conter informação útil à comunidade intra- e extra-técnica. Afinal, para o resto existem os blogues.

Por último, perguntamos para saber: a rádio ainda é mesmo do IST?

Cumprimentos algumas portas mais acima.

## O Diferencial errou

*Palavras cruzadas: A Utopia é de Thomas More; Desidério Erasmo de Roterdão escreveu o Elogio da Loucura. Ambos são ri-fixes!*

*Obras na cantina: Não se servem 3300 almoços por dia, mas sim 1800 (quando não é rancho).*

Olá caros colegas,

*Antes de mais queria felicitar-vos pelo renascimento do Diferencial, essa grande referência do IST. O site na net também está engraçado e bastante user-friendly. Parabéns!*

*Vinha oferecer-me para escrever umas coisitas para o Diferencial. Sei como é organizar uma publicação e sei que ter artigos na gaveta dá sempre muito jeito. Fiz parte da Direcção da AEIST onde era o co-responsável pelo pelouro da Informação. Fui eu e a colega Margarida Constantino que criámos a Revista AETécnico. O contexto sobre o qual gostaria de escrever era sobre a experiência de vir para o estrangeiro, pois neste momento sou investigador no Instituto Francês do Petróleo (IFP) e vivo em Lyon. Estive no IST de 1995 a 2004, onde me formei em Eng Química. Depois estagiei aqui no IFP onde me doutorei de seguida. Tenho 30 anos mas continuo a ser o mesmo borgas de sempre...*

Keep up the good work!

Víctor Costa

Caro ex-colega,

A direcção do Diferencial agradece as felicitações e motivação. A tua colaboração será muito bem-vinda na rubrica "Nós lá fora" ou qualquer uma das outras secções; contacta-nos com uma intenção geral ou tema específico, discute a abordagem e tratamento do artigo e escreve no intervalo de uma borgia em terras além-Pirinéus.

Ficamos à espera. Salutations!

Equipamento para Fotografia Digital e Analógica

Centro de Impressão Digital Epson

www.cisufoto.pt

# Rali dos Universitários

*Longe vão os tempos em que o Técnico era o deserto da Alameda*

— Joana Gonçalves



No Inverno de 1996, Jean-Jacques Rey viajava no deserto do Mali quando um dia se lamentou: “**quem me dera ter feito isto com vinte anos**”. Foi assim que teve a ideia de organizar um Rali exclusivamente para estudantes universitários. Para concretizar o projecto, adaptou-o à realidade específica destes: como os pobres estudantes não teriam meios para pagar um possante 4x4, procurou-se um tipo de viatura barata e suficientemente fiável. Chegou-se então à conclusão que a Renault 4L encaixava no perfil, dando o nome à prova: nasceu o *4L Trophy*. Para além de uma aventura excepcional, resta espaço para a acção humanitária: cada viatura leva consigo material escolar e desportivo cujo objectivo final é “escolarizar 3000 crianças em Marrocos”.

A organização liderada por J.J. Rey é feita por e para franceses, mas qualquer um que preencha os requisitos é bem-vindo. Existe desde 1998 e junta cerca de mil e duzentas equipas para cada prova; na sua edição deste ano contaram-se apenas 35 carros não franceses, dos quais 32 eram francófonos. Subtraindo-se, é de espantar que nas três equipas “je ne parle pas français” estivesse uma formação portuguesa — e do Técnico!

António Dominguez e João Almeida, colegas do Mestrado Integrado em Engenharia Civil, são a segunda equipa de portugueses que decidiu embarcar nesta aventura, oito meses antes seu início — e juram que esta é a experiência de uma vida. Longe de encarar a prova como uma competição, prepararam-se o melhor que sabiam, tendo em conta que “não sabíamos nada de mecânica, nem tínhamos noção do que o carro aguentava”. A Renault 4L foi aprimorada para a viagem embora “a carroçaria esteja **completamente podre**” como observou João Almeida.

Para poder preparar o carro e pagar a inscrição no Rali, que chega a três mil euros por equipa, foi necessário andar “à caça de patrocinadores”. E essa é a parte mais difícil da preparação pois, embora o evento seja bastante mediático em França, com a *Presse* a fazer uma cobertura televisiva diária, em Portugal são poucos os que conhecem a corrida. “Conseguimos a muito custo juntar 4500 euros de patrocínios, que não conseguiram cobrir todas as despesas” lamentam-se. Durante o rali, a organização garante as assistências médica e mecânica, o indispensável *roadbook*. A tão badalada segurança numa prova deste tipo é

providenciada por militares nos diversos locais dos acampamentos.

Depois do encontro em Paris ou Bordéus, a corrida iniciou-se em Algeiras, no passado 7 de Fevereiro: aí se apanhou o barco que transportou os participantes ao continente negro. A equipa portuguesa admite que não faltaram peripécias para apimentar a viagem no deserto seco, e os colegas do Técnico sorriem ao lembrar os caminhos com indicações trocadas ou os quilómetros feitos a segurar a porta do carro, para que não caísse.

A meta final de Marraquexe não é para todos: das 1200 equipas que iniciaram a jornada, apenas 900 conseguiram chegar ao destino. “Mas quem chega tem direito a um verdadeiro tratamento de rei, em hotéis luxo depois de passar **dez dias no deserto a comer pó**” garantem.

Os curiosos podem consultar o sítio [www.4ltrophy.com](http://www.4ltrophy.com); os 4L-istas António Dominguez e João Almeida estão disponíveis para falar pessoalmente com os mais interessados. Quem sabe, para o ano talvez mais equipas portuguesas transportem o símbolo do Técnico e se entupam de pó em paragens exóticas.



## Escola de Condução "A Capital"

### Carta Ligeiros e Mota

Av.º Rovisco Pais, 2, R/C eq. 100-268 Lisboa

Tel: 218476484 [escoladeconducao.com.pt](http://escoladeconducao.com.pt)

**10% desconto a alunos IST**

# Uma ideia sebenta

*A nova editora publicará material de apoio às cadeiras — revisto e melhorado — Bernardo Sousa e Sebastião Thomaz*

Ir à secção de folhas comprar sebentas é uma longa tradição para qualquer aluno do IST. A partir da próxima semana, é possível que isso mude: a Associação de Estudantes do IST (AEIST) vai lançar o primeiro livro da sua nova editora, a *aeIST press*. A ideia pode parecer inovadora, mas recupera um projecto já antigo: a associação já teve uma editora em tempos, sem grande sucesso.



A vontade de criar uma editora surgiu há alguns anos, tendo sido votada na assembleia de representantes de 2006. A partir desse momento, iniciou-se a selecção das sebentas com potencial para serem editadas em livro. Como nos conta Mário Marques, aluno de engenharia mecânica que está a "ajudar a AEIST nesta fase", pesquisou-se o material mais bem organizado, que já tivesse "um desenvolvimento crítico feito pelo professor". Depois, foi andar a "bater de porta em porta" a falar com os responsáveis das cadeiras.

O objectivo principal da *aeIST press* é ajudar os alunos a terem uma base de estudo mais clara, sem os problemas que as sebentas

acarretam: conteúdos incompletos, duplicados, pouco claros ou apelativos. A publicação de um livro implicará o **fim das sebentas** equivalentes, já que o conteúdo passa a ser protegido por direitos de autor.

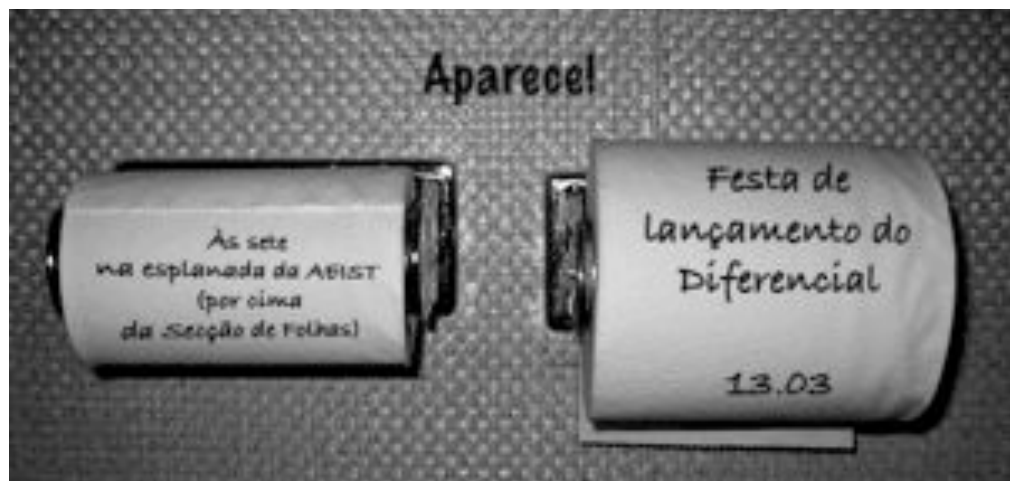
Os livros serão mais pequenos, um pouco à imagem da *IST press*, e mais completos. Infelizmente, **também serão mais caros**. O primeiro livro a ser lançado, *Controlo de Sistemas* do professor Ayala Botto, com cerca de duzentas páginas, custará à volta de 7 euros. O preço cobre apenas os custos de publicação, visto que a AEIST não pretende ter lucros com esta editora. Os livros serão impressos em Sevilha, numa gráfica dedicada exclusivamente a este modelo de negócio; a capa vanguardista é desenhada por um artista gráfico especializado — e tudo isto custa dinheiro.

O aparecimento de uma nova editora no mercado do Técnico poderia causar problemas com a *IST press*, mas ambas as partes rejeitam essa ideia: do lado da AEIST, Mário Marques diz que a editora da associação quer "dedicar-se a um serviço que auxilie as aulas, não

propriamente à publicação de livros científicos". Alguns professores hesitam em aceitar este novo desafio, quiçá receando conflitos com a *IST press*; mas o Prof. Joaquim Moura Ramos, director desta editora, afirma que "ninguém atropela ninguém" e que a *aeIST press* "é muito bem-vinda" — e até **estende a mão à AEIST** para a cooperação em outros projectos.

Para o futuro, a AEIST não quer correr muitos riscos. Sendo um projecto financiado pela associação, a tiragem de cada livro será igual ao número de alunos que frequentam as cadeiras relevantes. Na calha estão mais três livros: o primeiro, de ACED, deverá sair antes da época de exames de Junho. Já os livros de *Dimensionamento de Veículos Eléctricos* e de *Sistemas Electromecânicos* só estarão disponíveis no próximo semestre.

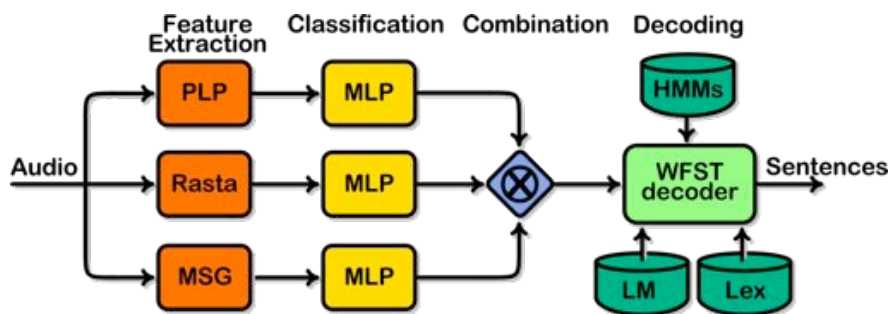
A direcção da Associação de Estudantes quer com esta editora criar novos hábitos nos alunos. Mas a velhinha Secção de Folhas existirá sempre, com ou sem livros bonitos.



# Legendagem automática

## Como funciona o serviço de legendagem automática dos noticiários da RTP

A legendagem dos noticiários nasce da necessidade de criar um sistema em português que torne os conteúdos dos telejornais acessíveis aos deficientes auditivos. Por enquanto este serviço só está disponível na RTP — e a título experimental. No futuro, o objectivo é alargá-lo aos restantes canais, explicou o professor João Paulo Neto, do Laboratório de Língua Falada do INESC-ID, e responsável pelo sistema de legendagem.



A passagem de fala para texto é um processo complicado e que envolve várias fases. Começa-se com um bloco de processamento de sinal, que distingue o que é fala de outras fontes sonoras, como música ou ruído de fundo. De seguida faz-se a identificação dos oradores. Neste momento, no sistema que está implementado na RTP só há separação de género - legendas de cor branca para os oradores masculinos e cor amarelas para os femininos. Esta detecção é feita com base no tom de voz. De futuro pretende-se melhorar o sistema através da identificação correcta dos pivôs e, em menor escala, dos restantes intervenientes: usar um modelo acústico específico permite diminuir a taxa de erro dos actuais 5-10% para menos de 2%.

De seguida recorre-se ao módulo de reconhecimento de fala, o passo mais importante de todo o processo. Este está dividido em vários blocos. Em primeiro lugar dá-se a extracção de características acústicas, que permitem transformar o sinal de fala numa representação paramétrica mais apropriada para o sistema de classificação funcionar - o domínio da frequência. São extraídos vários tipos de coeficientes, de acordo com o tipo de aplicação. No sistema de legendagem da RTP é usada uma combinação de vários modelos: os coeficientes *PLP* (Perceptual Linear Prediction) funcionam melhor em fala limpa - sem ruído; já os coeficientes *RASTA* funcionam melhor para fala com ruído e os *MSG* para fala telefónica (ver imagem).

Segue-se o classificador fonético. Este calcula a probabilidade do vector de características à

sua entrada pertencer a um dado fone. O fonema é a representação linguística dos sons de uma língua, sendo os fones as unidades acústicas individuais. No sistema da RTP são usados 38 fones. Para cada vector de características (extraídos com janelas de análise de 20 milissegundos) o classificador produz um vector de 39 saídas — correspondentes aos 38 fones mais silêncio — que representa a probabilidade de cada fone

corresponder ao sinal de entrada. Para passar de vectores de probabilidades para palavras são usados modelos estatísticos que dão a probabilidade de uma determinada sequência de palavras existir. Para construir estes modelos, o INESC recolheu em jornais cerca de 800 milhões de palavras. Com essa informação, gerou-se o modelo de linguagem que representa qual a probabilidade de uma dada palavra existir, sabendo as palavras anteriores. São os modelos de linguagem *n-gram*, em que *n* representa a ordem do modelo. Por exemplo, *3-gram* significa a probabilidade de ocorrer uma palavra dadas as 2 palavras anteriores. Com estes modelos consegue-se passar de uma gramática com cem mil palavras para 150 palavras.

Após o sistema de reconhecimento de fala vem o bloco da normalização, que ajuda a tornar o texto mais legível: por exemplo, ao converter números em extenso em algarismos. De seguida adiciona-se a pontuação, e capitalizam-se as frases. Finalmente gera-se a legenda que aparece no teletexto.

Estas operações estão encadeadas e não podem ser trocadas ou feitas em simultâneo. O sistema funciona acima de tempo real, demorando cerca de 45 segundos para transcrever um minuto de fala. Isto garante que não há atrasos acumulados ao longo da emissão.

O processamento, ainda em fase experimental, apresenta diversos erros. Os mais comuns são palavras mal reconhecidas, especialmente se pronunciadas de forma menos ortodoxa. Por exemplo, no dia da despedida, José António

Camacho foi reconhecido como Rosa Camacho. Há também casos de legendas que não chegam a aparecer ou que não ficam tempo suficiente no ecrã.

Quando as legendas não aparecem é porque o sistema indica que o grau de certeza do texto com o que foi dito é inferior a 82,5% e, por isso, resolve não transmitir uma legenda errada. Isto acontece, por exemplo, em situações de exteriores ruidosos. Como as legendas são transmitidas à velocidade que o orador fala, se este falar muito depressa, a legenda aparece pouco tempo no ecrã. A opção podia ser reter o texto na imagem mas criaria problemas de atrasos acumulados.

O problema mais óbvio, no entanto, é o atraso no aparecimento das legendas: cerca de 6,5 segundos. Tudo porque as palavras demoram 3,5 segundos a ser processadas, e uma legenda de duas linhas demora 3 segundos a ficar completa. Este último atraso podia ser eliminado colocando as palavras à medida que fossem reconhecidas, e não às linhas inteiras. Mas o teletexto é uma tecnologia obsoleta que não o permite. Outra possibilidade seria atrasar a imagem para coincidir com a legenda: mas a RTP recusou-se, porque nos directos por satélite os diálogos entre os correspondentes e o pivô seriam muito lentos.

A nível internacional há estações de televisão que também têm sistemas de legendagem dos programas noticiosos. Mas nenhum é completamente automático. O da BBC funciona com um operador que está a ouvir a emissão e dita o que se pretende legendar para um sistema de reconhecimento de fala; este sistema está treinado especificamente para reconhecer esse operador. Assim, permite ao orador sumarizar o que foi dito. Como é óbvio, nas situações de rua este método funciona melhor porque não tem quaisquer problemas de ruído nem de fala espontânea. Já na CNN a estratégia é diferente, visto que há um tempo de latência das notícias - desta forma é possível transcrever uma síntese do que foi dito.

Este sistema automático de legendagem, embora ainda com alguns erros, é uma ótima notícia para os deficientes auditivos e um motivo de orgulho para Portugal que encontra aqui uma nova forma de ver e "ouvir" televisão.

Para mais informações: [tecnovoz.l2f.inesc-id.pt/](http://tecnovoz.l2f.inesc-id.pt/)

- Bernardo Sousa

# Ela, Catarina

*Catarina Wallenstein protagoniza o mais recente filme do realizador José Nascimento, "Lobos", e é considerada uma promessa para o futuro. O Diferencial quis saber como nasce uma atriz.*

*- Joana Gonçalves e Bernardo Sousa*



**Diferencial:** *O nome que associamos a Wallenstein, pela sua longa carreira, é o do teu tio José. Ele teve alguma influência na tua escolha pela representação?*

Catarina Wallenstein: Não sei. O meu avô era um grande actor, que infelizmente não conheci bem. Fui ao teatro desde pequenina, mas não sei se houve uma influência directa, um "quero ser como o tio".

**Dif:** *Então como entraste no mundo da arte da representação?*

CW: Estudei na Fundação Musical dos Amigos das Crianças, e aprendi violoncelo, formação musical e outras disciplinas, além de canto coral. No coro participei em óperas infantis do teatro São Carlos, como a *Tosca*, *La Bohème*, a *Carmen*, obras de Stravinsky, entre outras. Depois disso fiz um papel pequenino na ópera *Albert Herring* de Britten, no Teatro Aberto.

**Dif:** *Tiveste de escolher entre o canto e a representação?*

CW: Não creio que essa opção seja para já. Sobretudo porque o canto me dá muito prazer. Posso enriquecer-me como atriz, trabalhando a voz, ou como cantora, melhorando a interpretação.

**Dif:** *E como foi a tua progressão enquanto atriz?*

CW: Comecei por fazer um atelier no liceu. E no verão de 2004, fiz uma série pequenina de dois meses: seis episódios do *Só gosto de ti*, para a SIC. Depois cursei o

primeiro ano da Escola Superior de Teatro e Cinema e fui escolhida para o filme *Lobos*. Entretanto participei num episódio de *Uma Aventura* e numa peça dos *Lisbon Players*, uma pequena companhia de teatro maioritariamente inglesa. Fizemos o *Cabaret*, adorei ter um papel todo em inglês a cantar, dançar e representar. No verão de 2006 fiz *O nome de código de Sintra* para a RTP e em Novembro fui para Lyon fazer uma coisinha pequenina para o *Après lui* [onde contracenou com Catherine Deneuve]. Entretanto recomeçou o ano lectivo e fiz um episódio da série *Conta-me como foi*.

**Dif:** *Muitas cenas do filme Lobos passam-se na serra...*

CW: Sim, passámos muito frio, muito mesmo (risos)! Foi um filme fisicamente muito duro de fazer.

**Dif:** *E psicologicamente? O filme gira em torno dum incesto.*

CW: Sim, fujo com o meu tio [Nuno Melo]: da polícia, um do outro, de nós próprios... Cada um interpreta à sua maneira! Também é a história de um encontro, porque fugimos muito da realidade, cada um da sua maneira: ele tem um lado prático, já a Vanessa é idealista, sonhadora e adolescente, o lado da aventura.

**Dif:** *Aprendeste muito neste primeiro papel como protagonista?*

CW: Foi um trabalho de descoberta, onde tentei ultrapassar as barreiras do que já e sabia que podia fazer. Conteí com a grande ajuda do realizador e do Nuno

Melo, que foram impecáveis ao tentar ver quão longe eu podia chegar e como podia contar esta história. E concentrei-me muito para tentar perceber como é que as coisas funcionam — um pouco como esponja a aprender para poder em trabalhos futuros. Foi uma oportunidade muito boa.

**Dif:** *Como foi trabalhar com o José Nascimento?*

CW: Eu adorei trabalhar com ele. Especialmente porque tivemos muito tempo de preparação.

**Dif:** *Assim pudeste estudar o guião com calma...*

CW: E não só. Tive muito tempo de escritório, onde acompanhei as mudanças de guião; falei muito com os outros actores e tentei perceber muito bem como toda a produção de um filme se passa.

**Dif:** *A seguir ganhaste um prémio.*

CW: Sim, que recebi no festival *European Film Festival in Estoril'07* e funciona como um incentivo a um jovem considerado promissor no cinema português. Fiquei muito surpreendida, não estava mesmo nada à espera... nem sabia sequer da existência do prémio! O importante foi o reconhecimento e o incentivo para continuar a ser perseverante.

**Dif:** *Entretanto gravaste o filme Simão Botelho, baseado num romance de Camilo Castelo Branco. Como foi esta experiência?*

CW: Adorei trabalhar com o Mário Barroso [o realizador]. O filme é uma adaptação do *Amor de*

*Perdição*. Não tenho qualquer tipo de ideia como vai ser o filme, especialmente porque só entro na segunda parte.

**Dif:** *E projectos futuros?*

CW: Para já, estou a estudar artes dramáticas em Paris. Depois não sei. Não me quero instalar em definitivo em nenhum dos dois países. Seria estúpido não sondar o mercado francês, mas não será fácil: há mais possibilidades, mas também mais pessoas a quererem trabalhar — e lá eu sou estrangeira.

**Dif:** *E cá, como vês o estado do cinema português?*

CW: Espero que, que se comece a gerar mais público para se produzir mais, melhor e mais variado. Não sei qual é a solução, mas interrogo-me porque é que as pessoas não dão mais importância à cultura nacional? Oçam música portuguesa, há coisas mesmo boas; temos artistas plásticos, fotógrafos, realizadores, óptimos actores... E teatros, encenadores, temos tudo!

**Dif:** *Então o que faz falta ao cinema português?*

CW: Dinheiro e apoio. No estrangeiro tens imensas entidades privadas a contribuir. Obviamente, nós continuamos a trabalhar e produzir, mas é preciso saber que também há quem acredite — que não somos só nós a remar contra a maré.

**Dif:** *O que esperas do público português?*

CW: Espero que as pessoas falem. Não obrigo ninguém a gostar, mas levantem-se e vão ver o *Lobos*.

# Dança comigo na Alameda

Encarada por muitos como uma actividade feminina, a dança vinga no Técnico. Fomos assistir a uma aula para perceber como vivem as sevilhanas e o flamenco numa escola tradicionalmente masculina. “Talvez por termos começado tarde, ainda não há muita adesão”, confessa antes da aula Íria Roriz, aluna do quarto ano de Arquitectura e professora de dança há cinco anos.

Aos poucos, os alunos vão invadindo a sala de squash, no Pavilhão de Acção Social: “neste momento são apenas seis, dois deles rapazes”. João Ricardo é um deles. Este estudante do quarto ano de Arquitectura está inscrito nas aulas desde o início da actividade: “era uma coisa em que já andava interessado há muito tempo. Além disso, já conhecia a Íria”. João discorda prontamente da ideia de que é uma actividade só para mulheres: “**afinal, dança-se a pares, não é verdade?**”. Joana Silva, colega de curso e de dança, lembra ainda que dançar “é uma excelente arma de sedução!”.

A aula abre com uma sevilhana. “É um estilo mais fácil”, explica Íria Roriz, “onde tudo é fixo”. Por isso mesmo é o foco deste curso, que se pretende que seja de iniciação: “aprendem-se num ano, dois caso se queira um aprofundamento”. Joana Silva, tal como a maioria dos alunos, nunca tinha tido aulas de dança: “estou a gostar e serve como alternativa ao desporto”. E com os diferentes passos, movimentos complicados de braços e de pés e o rodar as saias, confessa: “é cansativo!”.

Terminadas as sevilhanas, a música evolui para uma rumba. “É uma dança de rua, cigana, que serve de iniciação ao flamenco”, esclarece Íria.



Os movimentos são mais difíceis e este curso “da apenas uma introdução a este género”. Afinal, “são cento e quarenta e quatro tipos de ritmo, embora os mais comuns sejam sete ou oito. É impossível ensinar tudo num ano”.

Os alunos mais bem preparados costumam participar em espectáculos organizados pela própria professora: “o próximo vai decorrer, em princípio, dia 27 de Abril à tarde”. Porém, Íria Roriz lamenta que “às vezes seja difícil conciliar os espectáculos e as aulas”.

Soado o último acorde, os alunos mantêm ainda os braços suspensos no ar por uns segundos. De seguida arrumam as coisas e

voltam à vida do IST. A aula termina aqui, mas repete-se todas as terças e quintas-feiras, das 18 às 19 horas. A professora avisa: “quem quiser ainda vai a tempo de entrar”.

Os preços oscilam entre os 22 euros por mês para os sócios da AEIST, e os 35 euros para alunos externos. Para os que não podem comparecer nas aulas existem vários *workshops*. E, para os mais resistentes à ideia, um conselho da professora: “**qualquer mulher gosta de um homem que saiba dançar**”. Fica feito o convite. Mais informação em [inflamenco.blogspot.com](http://inflamenco.blogspot.com).

- João Ferrão

## S E C Ç Õ E S A U T Ó N O M A S

### Um filme *underrated*?

A vida, como um rio, passa-nos a correr. Nem sempre como queremos, nem sempre como nos deixam. Christopher McCandless, o personagem principal do filme *Into The Wild*, queria descer de canoa esse rio, desejo deitado por terra quando lhe dizem que só com uma autorização que levava anos a ser concedida é que o poderia fazer. Ele quebrou as regras, colocou a canoa na água e deixou-se levar. É isto que *Into The Wild* trata: o desrespeitar estereótipos, o rejeitar com o que nos obrigam a ser e deixarmo-nos levar.

É uma história verídica inspiradora: ele é um típico estudante perfeito, duma típica família americana perfeita, que está a acabar o curso perfeito e vai ter o emprego perfeito: uma pseudo-vida perfeita, pré-formatada e sem espinhas, como qualquer ideal conservador manda. Nisto, dá todo o

seu dinheiro à caridade e, sem avisar ninguém, parte de mochila às costas rumo ao Alaska. Objectivo: fugir à sociedade em busca de si próprio. “*I'm gonna be all the way out there, all the way fucking out there. Just on my own. You know, no fucking watch, no map, no axe, no nothing. No nothing. Just be out there. Just be out there in it. You know, big mountains, rivers, sky, game. Just be out there in it, you know? In the wild.*”

Pelo caminho, vai encontrando as mais diferentes pessoas e vivenciando novas experiências, tudo contado de forma fluída e envolvente (as paisagens também ajudam) pela objectiva de Sean Penn e voz desnudada de Eddie Vedder (sim, o dos *Pearl Jam*). De facto, a qualidade da banda sonora é uma constante durante o filme: acústica e pessoal, é o meio perfeito para expressar tudo o que Christopher pensa e não diz. Qualidade essa premiada com um

Globo de Ouro — e o fantástico desprezo da Academia, que nem o nomeou para os Óscares: claro que ter três músicas infantis e desinspiradas do filme *Enchanted* entre os nomeados é mais importante!

Adiante. Este é um filme a ir urgentemente, uma experiência enriquecedora e que certamente vos fará sair da sala de cinema com vontade de largar tudo e vaguear. Apenas vaguear. “*I'm supertramp!*”, dizia o Christopher. Vocês provavelmente também o dirão. Sim, que o rio passa demasiado rápido e ficar na margem à espera não pode ser alternativa!

“*If we admit that human life can be ruled by reason, then all possibility of life is destroyed.*”

Pelo Núcleo de Cinema,

- Miguel Jerónimo

# Podia Ter Sido FM

No fim de tarde do dia 6 de Março decorreu a final do torneio aberto de Futsal do IST. Foi uma partida bem disputada entre as formações do *Madeira SAD* e o *Pode Ser FM*, com o *Madeira SAD* a sair vitorioso nas grandes penalidades, depois de um empate a um golo.

O jogo foi muito renhido na primeira parte, com as duas equipas a lutarem muito mas a não obterem nenhum golo — para tristeza dos mais de trinta espectadores presentes para assistir a esta grande final. A segunda parte trouxe mais emoção, com o *Pode Ser FM* a marcar após uma jogada colectiva; as bancadas, que apoiavam em maioria a equipa continental, explodiram de gáudio e satisfação.

O *Madeira SAD* não demorou muito a responder, com um poderoso balázio do lado esquerdo a furar as redes e o entusiasmo do

opositor. Entretanto, gritavam-se das bancadas insultos vários ao árbitro e familiares.

Após o tempo regulamentar, seguiu-se o desempate por marcação de grandes penalidades. A regra de morte súbita foi aplicada desde o primeiro pontapé, motivando grande nervosismo e emoção. Ao terceiro pénalti, um elemento do *Pode Ser FM* sucumbiu à pressão e falhou o pénalti, atirando por cima. De seguida, o jogador do *Madeira SAD* cumpriu com a sua responsabilidade e fuzilou — e assim se fez a história do jogo.

A vitória foi celebrada efusivamente pelos insulares, com interjeições mais ou menos profanas; os vencidos consolaram-se mutuamente, para desespero dos adeptos do *Pode ser FM* presentes. Mas para o ano há mais, e pode ser que seja dessa FM.

— Sebastião Thomaz

## Entrevista flashada

**Têm apoio para o equipamento?**

Não, vem tudo do nosso bolso. E na entrega dos prémios devia haver uma senhora com um microfone.

**E ganharam alguma taça?**

Não! Nem medalhas!

**O que é que vos fez vencer este jogo?**

Tivemos sorte: ganhámos três jogos por penáltis neste torneio! Mais esta final.

**Qual foi o vosso resultado mais volumoso?**  
15-2 ou talvez 16-2.

**Participam há vários anos nas competições de futsal do Técnico. Como era no início?**

Era mais desorganizado, mas era mais competitivo. E havia Taças!

**E arbitragem?**

Fui [Nuno Medeiros] expulso pela primeira vez na competição. Mas o árbitro foi bom.

## Palavras Cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

**HORIZONTAIS:** 1 - amplitude modulada; galeria famosa; 2 - Tornam ursos (inv.); Ano do Senhor; 3 - Famosa organização de engenheiros; mafioso siciliano; 4 - arma de arremesso do Batman; 5 - Matemáticas pré-Bolonha; memória de acesso aleatório; 6 - serviços secretos portugueses; mensagens (abrev.); pertencente a; 7 - enfiou tubo em; lago (fr.); 8 - árvore de fruto; 9 - agência anti-droga norte-americana; veneno sócrático; 10 - refute; 11 - nota musical; satélite natural; épocas. **VERTICAIS:** 1 - enzima; 2 - progenitora; pequena ninfa de má qualidade; 3 - o desejado; 4 - que existe; exclamação primitiva; sufixo da Holanda (ciber.); 5 - medo fingido (int.); cidade no norte do Mali; 6 - fundadora de Sasseiros; 7 - vontade de não fazer nada; 8 - professora de dança no Técnico; mal-educado; 9 - Grupo Novo Rock; ladrar; 10 - arrelhiada; nome de letra; 11 - que partiu; cidade santa; campeão.

## A G E N D A

### Música Pop

**Patrick Watson**

O músico canadiano vem a Portugal para apresentar o seu álbum *Close to Paradise*. Um concerto ideal para quem primeiro for à festa de lançamento da segunda edição do Diferencial. 13 de Março/ Aula Magna/mínimo 25 euros

**Buraka Som Sistema**

no MusicBox: No dia 18 de Março o grupo apresenta o seu novo espectáculo pela primeira vez ao público nacional. A banda de kuduro progressivo foi a que mais sucesso internacional teve nos últimos anos. 10 euros com 3 euros de consumo.

**Shout Out Louds**

A banda sueca apresenta o seu segundo álbum e o *single* de sucesso de uma campanha publicitária *Tonight I have to*

*leave it*. Rita Redshoes na primeira parte do concerto. 26 de Março, na Aula Magna. Preços vão de 25 até 35 euros.

### Dança

**Solo a Ciegas**

A espanhola Olga Mesa é uma artista que se baseia na dança e na experiência visual para reflectir sobre o papel do corpo. Para quem gosta de coisas novas no grande auditório da Culturgest, a 14 e 15 de Março — só 5 euros para espectadores com menos de 30 anos.

### Exposições

**Gérard Bloncourt** Colectânea de fotografias que o fotógrafo francês tirou em reportagens no final dos anos 50 e que nunca foram publicadas. Entrada

gratuita. Até 18 maio, Museu Coleção Berardo.

**Jun Shirasu**

O artista plástico japonês volta a Portugal com uma nova exposição de azulejos, onde procura reflectir o regresso ao Oriente. Na Galeria Rattton Cerâmicas, até 4 de Abril.

### Teatro

**Que farei com este livro?**

Da autoria de José Saramago, uma peça que presta homenagem a Camões, onde se retoma o tema da História de Portugal. No Teatro Nacional D. Maria II de 7 a 16 de Março.

**Turbo Folk**

No o mês dedicado à Europa de Leste, o Teatro Municipal S. Luiz apresenta uma peça sobre a problemática da imigração. Até 15 de Março, de quarta-Feira a Sábado às 21h.

### The last 15 days at Técnico...

The Diferencial newspaper is back for a second edition since its rebirth. The main articles in this edition are an exclusive interview with upcoming young actress Catarina Wallenstein and a report about a student's rally through the Sahara.

This edition of Diferencial also unveils the secrets behind the groundbreaking captioning system used by RTP in news broadcasting. We also dwelve into the details of the new students' association publishing company, due next week. Be sure to check the dancing classes, or at least practice your portuguese by reading about it.

We overview the final of the football tournament, with a match review and winning side interview. Finally, the IST cinema club reviews the movie *"Into the wild"*. Also, browse our agenda on the left. And don't forget to show up at the Diferencial party later on! From seven o'clock onwards, cheap beer and cheaper jokes!